

# mente

LISTA A 'É AGORA'

LISTA F 'SÓ AGORA?'



Pensa que no escutismo  
chega ganhar dinheiro?

E a pedagogia?

E a mora?...

**união do mente** 4

Zé Alfaiate

Dizemos o que pensamos,  
não é?!, e graças a isso  
ainda há quem tenha medo  
do Mente...

É você?

**Frontalmente** 7

João Armando

**fezadamente**

E, ao que parece, o Senhor  
reprovou no primeiro ano do  
curso de Matemática...

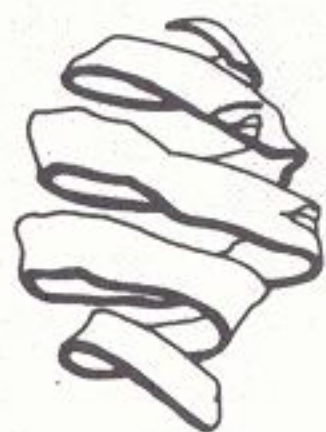
Jorge Lima

**polemicamente**

Oiçam lá!, podiam portar-se  
como escuteiros. Tá bem?

Equipa Aristóteles

## SUMÁRIO



# mente

ANO V - Nº 5 (2ª Série) SET/OUT 91

## No fundo...

### VAMOS A VOTOS

Há eleições para a Junta  
Central.

E vamos a votos.

E há três listas!

E o MENTE  
está lá!

A democra-  
cia, no CNE,  
tem destas  
coisas  
boas: é uma  
barilada!



## FICHA TÉCNICA

Publicação do  
movimento de encontro  
novas tendências escultistas

### Propriedade

CNE - Instituição de Utilidade Pública-

Agr. 109-Stº António dos Olivais (Coimbra),  
235-Figueira da Foz e 358-Sé Nova (Coimbra)

### Redacção e Administração

Apartado 3089 - 3000 COIMBRA

Director - João Armando

Chefe de Redacção - Zé Alfaiate

Administração - Isabel Ferreira

Redacção - A. Cardoso, Carlos Sousa Santos, Cila  
Rodrigues, Cristina Quadros, José Luís Malaquias,  
Miguel Baio

Ilustrações - Carlos Duarte e Cila Rodrigues

Fotografias - C. F. 603 (Antanhol), José Meneses

Edição electrónica - Nuno Branco

Maquetização e Montagem - Joaquim Felício

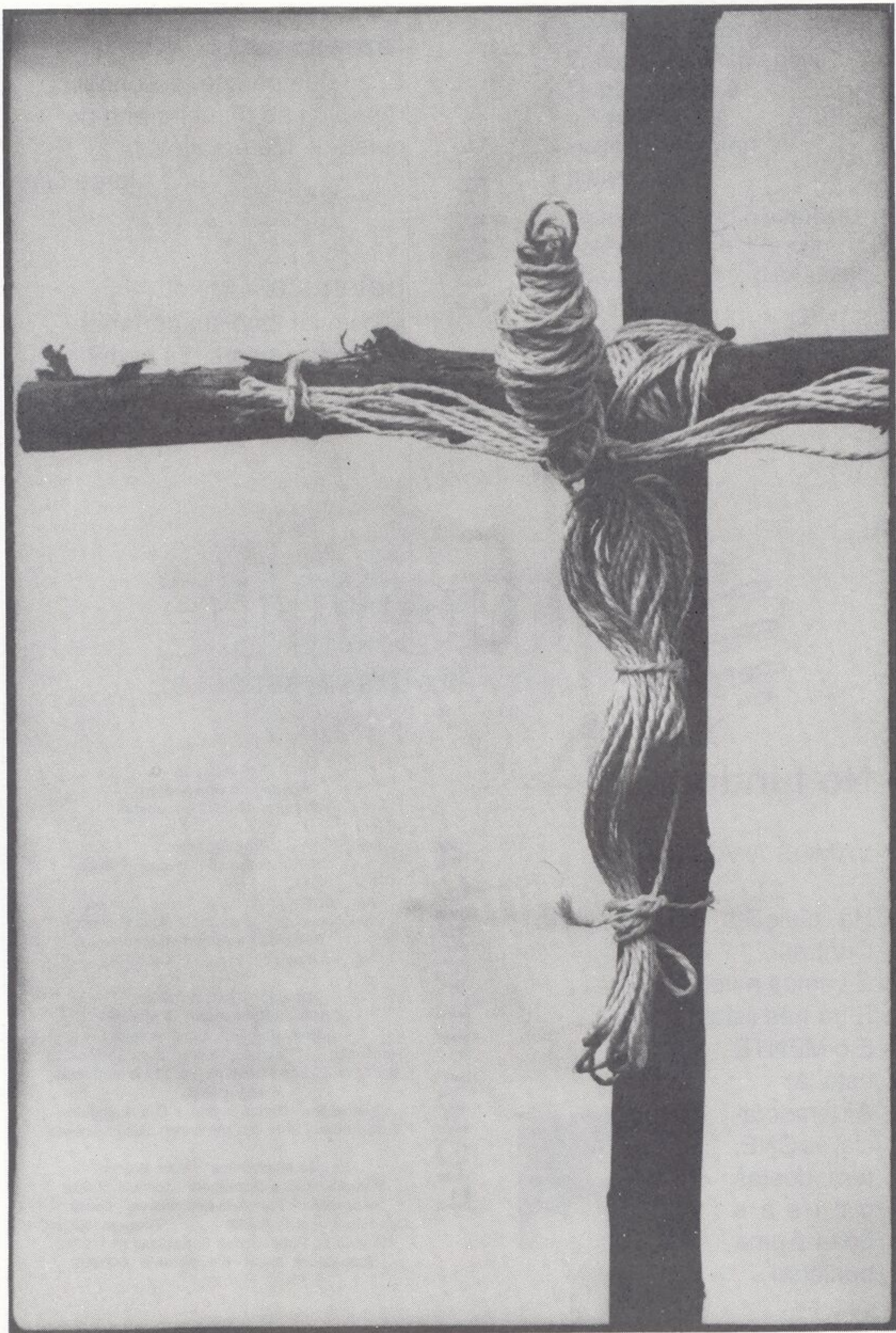
Impressão - Tipografia Lousanense - Lousã

Depósito Legal - 7794/87

Tiragem - 500 ex.

Registo de Publicações Periódicas nº 112912

Assinatura (anual - 6 números) - 600\$00



**V**amos a votos. Não com muito entusiasmo, mas vamos. Esta falta de entusiasmo prende-se com o facto (tão natural no CNE) de irmos referendar um único grupo de pessoas que, ainda por cima, tem com núcleo principal um outro grupo que transita da “anterior gerência”. Daí que, por melhores rapazes que eles sejam, esta eleição deixa-nos uma sensação desagradável. É como se fôssemos obrigados a ver o mesmo filme durante mais uns anos (ainda que fosse “E tudo o vento levou” seria mau!).

A (cutra) tradição democrática portuguesa habituou-nos a que o tempo de eleições fosse um tempo agitado, festivo, animado, de grandes tiradas, palavras de ordem, balões e algumas ideias. No CNE, normalmente, as eleições são um passeio triunfal de um único grupo até ao poder, passeio esse quase sempre mascarado de via sacra (as pessoas fazem sempre um enorme “sacrício” para poder aceitar).

A democracia no CNE não tem piada por várias razões:

Não há “Equipas”/grupos no CNE - quando alguém sonha em se candidatar tem de andar a fazer “contratações” ad-hoc para ocupar os lugares. Mal se conhecem, não sabem como trabalhar mas importa preencher os lugares. Resultado: As equipas que terminam o mandato quase nunca são iguais às que foram democraticamente eleitas.

- Os dirigentes do CNE são uns vira-casacas - hoje alinham com fulano, amanhã já alinham com beltrano. Têm sempre de estar bem com todos, mostrar o sorriso, embora possam estar a pensar em insultos pouco elegantes.

- Os dirigentes do CNE mordem pela calada - quando apanham alguns no “poleiro” gostam de cochichar uns com os outros, de comentar, de se perguntar “sabias que...”. Normalmente não criticam projectos, ideias, (é verdade que raras vezes existem!), mas sim pessoas ou acções concretas. Alternativas não apresentam, claro. E quando algum (ou alguns) mais impetuoso(s) ousam levantar a voz e dar a cara, veem, com espanto, que ninguém o(s) aprova ou acompanha.

- Haver mais que uma lista para uma eleição é uma catástrofe - O CNE ainda não percebeu que existem eleições para serem disputadas por mais que um grupo sem se cair na descrição do “divisionismo”. Haver duas listas é bom, haver três listas é óptimo. Haver só uma é pobre. Este “espantinho” é facilmente entendido se olharmos ao comportamento dos componentes de duas listas que disputam uma eleição. Não se limitam a defender e atacar ideias: dão-se mal, mandam piadinhas, deixam de se falar... um pavor.

Enfim... Dia 24 de Novembro lá vamos nós cumprir o nosso dever, votando na eleição para Junta Central. Foi pena que a outra candidatura não se tenha concretizado, para ver se isto animava, um pouco.

Tanta falta nos faz um bocadinho de agitação...

**JOÃO ARMANDO**

### DAS FINANÇAS...

#### 1. Finanças e perguntas

Poucos problemas parecem interessar, hoje, tantos dirigentes, como o dos dinheiros - das "finanças", como dizem aqueles que são mais "up to date". O discurso sobre os recursos da Associação, em termos materiais, tem mesmo, parecidos, deixado para trás um outro discurso, sempre necessário, sobre os recursos humanos, ganhando eventualmente força a posição daqueles que dizem que sem os primeiros difícil será melhorar os segundos, em detrimento dos outros que argumentam que, havendo "gente" com capacidade, o resto virá por acréscimo.

À discussão deixou já o campo dos porquês e dos quantos. Porquê toda essa necessidade de arranjar dinheiro? - porque parece evidente ser essa a prioridade de qualquer organismo... nada se faz, hoje em dia, sem aquilo com que se compram as batatas. Quanto dinheiro é que cada grupo, agrupamento, região,... deve amealhar? - tola pergunta! - o mais possível, obviamente.

O que se pode questionar a este respeito não é, no entanto, tão pouco como nos pode parecer num primeiro relance pelo problema. Parece-nos acontecer, simplesmente, que a questão financeira se vem afirmando - na nossa Associação como em variadíssimos outros sectores da nossa sociedade - como um dogma absoluto: ter sucesso é ter sucesso financeiro; gerir conveniente-

mente um grupo é dotá-lo materialmente. Como poderia dizer-se: "vamos criar as infraestruturas porque sem elas é impossível melhorar os restantes aspectos da nossa acção...". O mundo actual traz-nos esta lógica em bandeja de prata, impõe-a mesmo se não a explica e inibe tomadas de posição contrárias a ela, adjetivando-as de irrealistas.

Mas será mesmo, em absoluto, correcto afirmar que, independentemente de mais considerações, o que interessa é engordar o porco-mealheiro?

O que nos leva a outro tipo de considerações...

#### 2. Finanças e pedagogia I

Independentemente de outros critérios de avaliação, sempre possíveis, há uma questão que se nos põe com certa acuidade: quando é que a angariação de fundos por parte dos nossos elementos é educativa e, desde logo, quando o não é?

Parece-nos que o método escuta responde a isto com toda a grandeza da simplicidade: a angariação de fundos é uma actividade preparatória de outras actividades, englobada na fase de preparação de empreendimento que os grupos estão a levar a cabo e deve possuir duas qualidades: a da **adequação dos meios aos fins** (vamos arranjar o dinheiro de que precisamos, só esse e todo esse), e a do **projecto livremente escolhido** (só a nós, grupo ou equipa interessados na actividade, cabe escolher, criativamente, os

meios de a financiar). Mas colocaria aqui uma restrição, que explicitarei melhor adiante: **dado não ser o escutismo um movimento de mero activismo, há que distinguir entre pedagogia simples (ensinar e aprender a ser e a fazer) e ética (escolher, subjectivamente, o ser e o fazer, com base em valores).**

Um ponto parece, desde já, assente: não é pedagógica a actividade financeira que o chefe decide e impõe aos elementos, quer porque "já se faz assim há vários anos", quer porque sim, sem mais razões que as da gente precisar de umas massas. Mesmo os maiores objectivos materiais de um agrupamento (quicá comprar uma sede própria ou aquela carrinha que dava um jeitão) devem ser assumidos pelos elementos como objectivos próprios, da equipa e do grupo, e integrados nos projectos concretos a que estes se abalancem.

#### 3. Finanças e valores

Agora venha daí o mais pintado lembrar, como em outros momentos o têm feito ilustres personalidades em relação a casos semelhantes, que toda aquela febre financeira de que falámos no início bate de frente com valores fundamentais do nosso movimento, e ainda mais da nossa particular associação escutista (um C.N.E católico terá, aparentemente, que tratar de forma muito particular o aspecto material: com desprendimento; até com uma certa ascese...). A história mostra como a ascensão rápida e segura do materialismo que se processou nos últimos séculos foi capaz de torner as legítimas objecções morais que a mentalidade cristã ocidental lhe levantava e encontrar a legitimação filosófica para a competição financeira, o lucro e, mesmo, a exploração do trabalho alheio... . Pode, pois, parecer evidente que comete

um grave anacronismo quem, hoje, questiona o aparentemente inquestionável. Perguntar-se devem ou não envidar-se todos os esforços para fazer entrarmos cofres da Associação o máximo de proventos parece, assim, idiota. A pergunta a que se tem, genericamente, tentado dar resposta é, simplesmente, a de "como fabricar mais umas massas?".

Mas vamos lá a fazer a tal pergunta idiota (e quando a pergunta assim é, o que não será a resposta) - mas **afinal não temos angariado uns dinheiros menos católicos?**

Perdoem-me os yuppies da nossa associação, tão entusiasticamente entregues à tarefa de nos encontrar novas e luminosas fontes de provento, mas se nem todo o dinheiro é honesto (e esse não é o caso que se nos põe) há dinheiro honesto cuja obtenção passa, notoriamente, por processos menos pedagógicos de angariação de fundos, e outro ainda que, proveniente do erário público sob todas as formas de subvenções e subsídios, leva a situações de disparidade de distribuição que, no limite, raiam a imoralidade. Não é que haja quem assalte o que quer que seja, é, pura e simplesmente, que há quem usa e abusa de formas menos próprias de encher o bolso.

Falamos de quê - disso mesmo que estão a pensar: **dos famigerados subsídios!**

A este respeito, o que costumamos dizer quando algum grupo consegue ir buscar aquele bom dinheirinho ao bolso do estado, mesmo sem que, aparentemente, demonstre os méritos ou a actividade que o justifiquem, mas porque, pura e simplesmente, temos *conhecimentos, as cunhas*, é, enfim, faça-lhes bom proveito, antes venha para o C.N.E do que para outra organização qualquer... o que é uma forma diplomática de falar. Estes procedimentos, tão repetidos, tão arreigados na nossa normal

relação com as instituições públicas, são não apenas resquícios de um terceiro-mundismo instalado (e ninguém tem culpa de ter nascido tão no cantinho da Europa) mas, essencialmente, uma forma de proceder que já se não questiona, que já passou à *normalidade*. Parece natural, até a mim, que se tire proveito da importância numérica de um movimento de jovens como o nosso e da sua particular filosofia de acção, para receber do estado a quota parte merecida daquele bolo que ele distribui por esse país fora. Parece natural, a muitos que não a mim, que se tire, depois disso, proveito do facto do chefe de agrupamento ser do partido do Presidente da Câmara, do pai do elemento X trabalhar na repartição Y onde se pode conseguir aquele subsídio de que mais ninguém tem conhecimento, etc....

Os dinheiros públicos deveriam ser um bem demasiado respeitado para se distribuírem de acordo com conhecimento e simpatias e cumplicidades várias. Quem conhece a actividade dos nossos grupos? - nós! Quem conhece as suas necessidades? - nós!

Seria um bem para a nossa consciência (quando existe) que todos os dinheiros públicos fossem encaminhados para a Junta Central e daí distribuídos segundo critérios de equidade (na diversidade das necessidades) pelos diferentes escalões da Associação, à parte, obviamente, os pequenos subsídios ordinários que as autarquias vão distribuindo (embora até aqui se verifiquem situações como as atrás descritas, nomeadamente com a vulgar beneficiação de uns agrupamentos em relação a outros da mesma área geográfica).

E não é este um problema do Governo, das Câmaras, etc...., é um problema nosso, moral, de uma associação que se pretende educativa e cristã e onde, desde logo, os actos devem ser cerceados por uma

moralidade própria, a todos os níveis organizativos.

E não me respondam, simplesmente, que os regulamentos e estatutos já contemplam esta situação e, até, que vão de encontro ao que aqui digo. A realidade é diferente e, aqui, escreve-se para as consciências, não para as leis.

#### 4. Finanças e pedagogia II

E já que por falta de espaço nos vamos ficar pelos subsídios, falemos daqueles que não revertem para o cofre geral da associação ou dos agrupamentos, mas que são atribuídos a equipas e grupos para a realização de actividades específicas.

Posso ser, aqui, ainda mais polémico. O C.N.E merece esses subsídios tanto ou mais que qualquer outra associação juvenil. Os nossos jovens desdobram-se, em muitos casos, em actividades. E eis que, de repente, se torna fácil ir mais longe; eis que o subsídios nos permite largar da habitual actividade de Verão a 20 Km de casa e ir ao estrangeiro, ou abandonar o pioneirismo todos os anos repetido e ir escalar montanhas, ou...; e é bom!

O que pode ser mau é a dependência, é o projecto de actividades feito com base no incerto, é, como tantas vezes temos visto, o substituir da actividade sonhada por outra de recurso só porque o Instituto da Juventude não entrou com as massas. E esta dependência pode levar muitos grupos a transformarem-se em meros angariadores de meios que lhes permitam proporcionar aos seus jovens férias pagas. E, sempre que esta dependência assim se manifestar, acabou o escutismo.

Estamos no final do Séc. XX, as condições para as actividades escutistas modificam-se e é cada vez mais fácil ir mais longe, mais alto. Mas atenção, quando for demasiado fácil será ainda escutismo?



# momento



**A**cabado o Verão resta-nos recordar os bons e maus momentos que passámos nas variadas actividades realizadas.

A nossa Secção esteve inserida num projecto do Instituto da Juventude e do SNPRCN - o projecto das "Áreas Protegidas".

O local exacto escolhido foi o Paúl de Arzila - uma reserva espantosa aqui perto de Coimbra e que quase ninguém conhece.

Todos nós ficámos fascinados ao primeiro contacto com a fauna e flora da dita reserva e ainda mais com as pessoas que nos apoiaram em tudo o que puderam e às quais devemos, em grande parte, o êxito da actividade.

O trabalho foi duro mas, com paciência e com algodão no nariz, foi mais fácil suportar a limpeza de uma das valas existentes, com a sua água estagnada.

Aprendemos muito lá; aprendemos que ainda há pessoas que por dentro são boas (não dizemos puras porque é quase impossível) e que são capazes de fazer quase tudo para tornar a estadia (ou outra coisa qualquer) das outras pessoas mais agradável.

Foi com pena que voltámos a Coimbra, novos e velhos aprendemos muito com aquela estadia... mas mais tristes foram ainda as notícias que recebemos dias mais tarde...

A actividade em si durava um mês (melhor: quatro semanas) e nós só a concretizámos na primeira quinzena; outros "colegas" (será que ainda é justo chamar-lhes assim?) foram-nos substituir.

Esses nossos "companheiros" chegaram no dia em que nos vínhamos embora e, apesar de sabermos que para eles não

somos a "companhia perfeita", tentámos recebê-los o mais calorosamente que nos foi possível (apesar dessa atitude não ser recíproca).

Estivemos uns dias longe de tudo aquilo mas, ao não conseguirmos mais reprimir a saudade, voltámos lá (mais ou menos semana e meia depois). Foi uma alegria voltar a ver as pessoas amigas, mas foi decepcionante saber do comportamento dos nossos "irmãos escutas".

Achamos incrível que pessoas que se dizem escuteiras se comportem de uma maneira inqualificável, sem respeito por nada ou por ninguém.

Queríamos manifestar o nosso protesto contra as atitudes dessas pessoas, e a melhor maneira que encontramos foi fazer-lhes ver que procederam mal.

Vamos tentar começar pelo princípio:

Para iniciar perguntamo-vos se não acham que saltar a porta dos balneários do clube de futebol que nos deixou tomar banho, só porque a pessoa que no dia anterior emprestou a chave não está lá, não é uma falta de respeito.

E que nos dizem em relação ao empréstimo de melancias dos quintais das pessoas que tão gentilmente nos acolheram?

E à invasão e poluição de uma fonte que tem aquela que é considerada a melhor água da região?

Já agora acham que tocar às portas numa aldeia às tantas da manhã é próprio de escuteiros?

É deplorável que o Presidente da Junta de Freguesia tenha pensado em vos expulsar de lá pelo vosso comportamento, e só não o fez porque era o penúltimo dia de actividade.

Criticamos fortemente a vossa atitude e recomendamos aos vossos dirigentes que vos dêem algumas lições de boas-maneyras, e que vocês se dignem pedir desculpas a toda a população que lesaram.

Não se esqueçam que quem perde não são vocês, é o Escutismo em geral... é a imagem escutista que está em jogo.

Saudações escutistas  
Equipa Aristóteles - Agr. 109

# mente

JOÃO ARMADO

## Quem (ainda) tem medo do “MENTE”?

Um Filme francês que passou nas telas dos cinemas do nosso país, há alguns anos, intitulado “A mulher do lado” contava a história da paixão simultaneamente ardente e conflituosa entre um homem e uma mulher. A frase emblemática dessa relação dita, a certa altura, por um dos intervenientes era “Nem contigo, nem sem ti”. A relação entre o CNE-Instituição e o “Mente” pode ser perfeitamente representada pela mesma frase.

Os nossos leitores de sempre e alguns que seguem mais atentamente a vida do CNE, conhecem a génese do Mente: A resposta à continuação do Congresso CNE 2000 para lá da sua realização, as esperanças iniciais, a postura de “combate” (não hesitamos em dizê-lo) que adoptámos quando alguns disseram: “O Mente não existe!”, postura essa que foi sendo gradualmente substituída por uma outra mais ligada à reflexão e à crítica daquilo que víamos - e queríamos ver no CNE (afinal os nossos objectivos iniciais). Pensamos ser claro para todos que é essa a nossa postura actual: reflectir sobre as situações, avançar pistas, denunciar o que está mal. Tendo sempre como objectivo contribuir para melhorar o CNE, para este cumprir mais capazmente a sua missão. Assim sendo, dificilmente se pode compreender que a relação CNE-Instituição como o Mente seja feita da maneira que é. Eu explico: ao longo da vida do Mente e em especial nos últimos tempos, os membros da equipa de redacção do Mente têm sido surpreendidos por convites e abordagens de diversas providências (que muito nos têm ale-

grado por os julgarmos reveladores de que o nosso contributo é considerado importante): participação em actividades internacionais (algumas em representação do movimento), participação em seminários (também representando o CNE) convites para estar presente nas Jornadas Pedagógicas e outras ocasiões de formação, trabalhos para a Flor de Lis... e, ultimamente, “o recrutamento” do Miguel para trabalhar na D.P.N. (particularmente na IV secção), a participação na organização do Encontro Nacional de Caminhadores, o convite a alguns para trabalhar na representação do contingente ao Rover Moot, a integração na equipa que vai organizar o Rover no próximo ACANAC, as trocas de ideias que alguns dirigentes connosco quiseram ter na fase de pré-candidaturas à eleição para a Junta Central. A (quase) todas essas solicitações respondemos. Com o orgulho de estarmos a fazer algo para o C.N.E.. No entanto, alguns destes convites tiveram uma condição: não era o “Mente” que era convidado. Estariam lá o Miguel, o Neca, o Zé, a Cristina, o Sousa, o João, a Cila, etc., etc... que, por acaso, fazem parte da redacção do Mente. Apetece-nos perguntar: “que espécie de hipocrisia é esta?” Aquilo que hoje cada um de nós é como escuteiro e como pessoa foi influenciado por este trabalho que dura há 5 anos (já para não falarmos nos antecedentes). Se o nosso contributo é julgado útil, porquê inventar estas maneiras pseudo-ardilosas de não ter de reconhecer o trabalho do Mente e de o manter como algo marginal do jogo político e mesmo da vivência fraterna que o escutismo exige? Há no entanto algo para que convém alertar: é que a “postura” não é própria do Zé, do Miguel, da Cristina, do Menezes, etc.. É a postura de todos os dirigentes (e não só!) que pautam a sua conduta pelos valores da alegria, da irreverência, da personalidade, do entusiasmo, da crítica, da reflexão, da fraternidade, da franqueza, do trabalho e, sobretudo, pela grande paixão pelos jovens e por este Movimento que os serve. E, meus senhores, dirigentes desses já existem em diversos sítios. Estai alerta!



# momento

ANTÓNIO SOUSA (\*)

Continua-se a constatar que os nossos maiores encontros, principalmente os do dia da Região, sem terem no programa parada e desfile até parecem que não são actividades escutistas.

“Há que manter a tradição”. - Dizem uns. Outros acrescentam: “Não há nada de melhor para promover a imagem do movimento”. E alguém mais no fundo remata - “há que manter os jovens em actividade permanente, o tempo de ócio é prejudicial, os desfiles combatem-no”. Eis as defesas prontas das nossas sentine-

las: Tradição! Imagem! Exercício!

Quando se acelera o fim de uma actividade engraçada; se interrompem os diálogos de amizade de jovens que se conhecem pela 1ª vez; se desperdiça meia hora a reunir e a formar duas filas intermináveis; se fecham algumas ruas ao trânsito (boa imagem têm os automobilistas de nós!); se puxam as orelhas aos mais renitentes em participar na exibição, não restam dúvidas que o desfile é a coisa mais importante do dia! Viva pois o desfile!

E continuamos nós a “ganhar” tardes (ou manhãs) de dias bonitos com paradas e desfiles. Na fotografia fica tudo tão giro: tanta gente e muito côr!...

A um canto, alguém lembra uma frase de B.P: “O chefe indiferente ou com falta de imaginação acaba sempre por cair nas formaturas, paradas e desfiles, como único recurso”.

(\*) Região de Aveiro



**PETZL**

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

**SUBMATE Ida**

TUDO PARA ESCALADA, MONTANHA, ESPELEOLOGIA  
ORGANIZAMOS CURSOS DE ESCALADA E ESPELEOLOGIA  
PEÇA INFORMAÇÕES POR TELEFONE

AV. EUA, 48-A • 1700 LISBOA • TEL. 80 37 29

# VAMOS A VOTOS...



**NO BOM  
TACHINHO...**

## Vamos a votos...

O C.N.E. prepara-se para eleições. E para a Junta Central. Coisa fina! É a altura de se ver desfilar a nata: nata dos dirigentes e nata das ideias. Ou deveria sê-lo, segundo alguns...

Era para haver uma lista única. Achámos mal! Isto sem um pequeno debate iam parecer os "Frente-a-Frente" que não houve nas eleições para o Parlamento. Por isso pusémo-nos em campo.

E há três listas !

Talvez nem todas vão a votos. Mas nós, desde já, deixamos aqui o nosso boletim, com a cruz marcada naquele quadradinho que se segue à frase:

"Ouçam lá, isto precisa de mais refrega e menos unanimismo, O.K.?"

## História de uma candidatura

MALAU CUÍAS



E surgiu a questão... atravessou todos os corredores, gabinetes, escritórios e lavabos da Junta Central, propagou-se às Juntas Regionais, e daí às Juntas de Núcleo. Em breve, todos se perguntariam o mesmo em todos os agrupamentos e unidades, aquém e além fronteiras. Até os lobitos de interrogavam: "Como é que os gajos são tão boms?", sim, perguntamos também nós, juntando-nos ao interminável caro: "Como foi possível reunir numa mesma equipa um tão grande conjunto de dotes físicos, intelectuais, até estéticos?"

São de facto estas as questões que, desde há muitos anos, deixam boquiabertos dirigentes caminheiros, exploradores, e até lobitos, cada vez que são confrontados com os incríveis feitos daquela simpática equipa que hoje dá pelo nome de "Malta do Mente". A história começa há uns anos quando um grupo de amigos, que em comum apenas tinha o mesmo amor à fraternidade do ar livre e do serviço, se começa a juntar para realizar umas traquinices de mochila às costas e assobio nos lábios.

Gostavam tanto daquilo, que alguns por ali foram ficando, sempre insatisfeitos, e sempre organizando actividades cada vez mais ambiciosas, tanto para eles como para os rapazes da sua região - a de Coimbra, claro, que tem sempre mais encato.

Tantas ou tão poucas fizeram que os dirigentes da região acabaram por espetar com eles no Departamento Regional da 4ª, a ver se tomavam tino, e se sempre ficavam

mais controladinhos...

... Nada feito! Foi pior a emenda que o soneto. A irreverência juvenil pode tudo, e a de Coimbra ainda é pior que as outras: A rapaziada apanhou-se com o freio nos dentes, e era vê-los organizar acampamentos, encontros de caminheiros, debates vividos, momentos espirituais de encontro e, sempre, muita contestação à mistura.

As velhas estruturas ressentiram-se do abanão, e com prontidão chegou a resposta “não vais às boas... experimentas levar c’o pau. Enquanto penso em melhor castigo, ponho-te de malas aviadas pró buraco de onde nunca devias ter saído!”. Mas - já dizia Kipling - quem poderá contentar-se com o vidro, depois de ter conhecido o diamante? A rapaziada já tinha voado demasiado alto para se resignar a uma morte lenta, dentro dos curtos horizontes de uma secção de agrupamento.

Reagiu, debateu-se, esperneou, deu alguns coices, mandou alguns berros e, deste parto difícil, nasceu um Movimento - o das Novas Tendências Escutistas - e nasceu também um jornal - este nosso espaço de debates de ideias.

A fúria dos Deuses do Olimpo não se fez esperar. Apenas o inesperado sucesso dos primeiros números se impôs como uma realidade, choveram as punições, as correcções, as admoestar, as suspensões e, por desejo de muitos, acabavam os ões com as expulsões.

Mas nada nem ninguém pode deter um comboio de ideias que se pôs em movimento, e em breve o movimento era já mais forte que os seus criadores e opositores postos em conjunto. Tinha-se transformado numa tribuna de debate, alargada a todo o CNE, de onde discursaram, não raras vezes, as mais importantes cabeças do movimento.

Hoje, a semente lançada na terra, cresceu, e dá os seus frutos. O debate,

envergonhado de início, recomeçou a ter lugar, e cá está a gente do Mente para assegurar-lhe a continuidade.

Mas botar faladura não chega, e já há demasiado tempo que a nossa versatibilidade, a nossa astúcia, a nossa experiência, e direi mesmo o nosso Know-how são desperdiçados, de caneta na mão, perdendo-se nas estantes onde são religiosamente guardados os nossos ensinamentos impressos nestas páginas.

Chegou a altura de fazer alguma coisa pelo CNE - directamente. Chegou a altura de largar as pantufas e a caneta, para pegar nas botas e no machado - machado que será de construção para quem estiver connosco, de guerra para quem estiver contra nós, e de massacre para quem tomar a cobarde atitude da “neutralidade até ver quem ganha”.

Para quem nos conhece e se pergunta, inquieto, que nova golpada o MENTE prepara, eu sossego-o dizendo para se acalmar, porque o que está para vir excede as vossas previsões mais pessimistas:

O MENTE vai, através do exercício democrático das eleições, tomar o poder na Junta Central, transferir o tasco todo para Coimbra, onde será construída a “ainda mais nova Junta Central” (vendedores de calendários e autocolantes, preparem-se para mais uma campanha financeira), instalar uma Junta de Salvação Nacional, proceder às purgas e saneamentos há muito exigidos, e corresponder finalmente aos legítimos anseios dos milhares de escuteiros que depositam no MENTE a derradeira esperança de que alguém faça algo pelo CNE.

Por isso, gritamos bem alto  
Temos Lista,  
Temos Candidato,  
Temos a vitória assegurada

VOTA FANTASMA !

# LISTA ZERO

JOSÉ LUÍS  
CASTANHEIRA

É verdade, sou um candidato vencido!

Esta é a história de uma lista que não chegou a candidata devido ao Verão:

Em Julho tomei (e comecei a anunciar) a decisão de encabeçar uma lista candidata à Junta Central. Conforme aprendi na formação, fiz um PERT. Porém, em Agosto, ao regressar de férias, soube que a J.C. se havia demitido/exonerado/desistido (por favor, consultem os sábios juristas sobre qual a palavra certa) e que as listas candidatas teriam de ser apresentadas até 25 de Setembro.

Como, por razões profissionais, tinha de me ausentar do País a 20 de Setembro, durante 40 dias fiz os possíveis por concertar um programa e mobilizar uma equipa. Tentei, em pleno período de férias, encurtar o meu PERT dois meses!

Procurava uma equipa de católicos que fossem escuteiros, experientes, competentes e relativamente jovens (a idade não deveria exceder os 35 anos). Aqui esteve o problema: dentre os católicos escuteiros, muitos dos experientes, competentes e "jovens" andam numa de "yuppies" (é tempo deles!). Aqueles que tinham os atributos pretendidos e estavam disponíveis são mais antigos (a idade média ficaria próxima dos 50 anos).

Apresentar (também) um programa alinhado mas sem as pessoas capazes de o levarem à prática - Não, muito obrigado!

E, como dos "fracos não reza a história" deveria "meter a viola ao saco", dizer que sempre estive com a maioria e que ... tudo bem!

Enquanto tentava aprender como se vota não numa lista única, a equipa do MENTE convidou-me a escrever sobre o meu projecto falhado.

Aqui vos deixo o que eram as ideias-força do que teria sido o programa e as grandes questões que gostaríamos de debater com todos os dirigentes.

Formulo as questões e dou alguns traços da problemática nelas inserta. Uma reflexão mais aprofundada talvez venha a ser divulgada proximamente - na Flor de Lis? No MENTE? Ou, num opúsculo? - não sei.

### Ideias-Força do programa que não foi

#### (re)ANIMAÇÃO PEDAGÓGICA

É urgente vencer o marasmo pedagógico a que o C.N.E. se deixou conduzir. Para isso, é fundamental:

##### Revitalizar a **Formação de Dirigentes**

- actualizar o Programa
- estimular a diversidade de oportunidades
- reforçar o "aprender fazendo"
- desburocratizar e desierarquizar

##### Dinamizar a actualização da **Metodologia das Secções**

- na fidelidade à Lei, à Promessa e aos Princípios
- estimular a decisão dos chefes de unidades
- facilitar a participação dos escuteiros

##### Relançar um **Sistema de Progresso**

- coerente com a metodologia das secções
- atrante, contínuo e diversificado
- amplamente participado
- Revitalizar a **Pedagogia da Fé**
- substituir o "consumismo" pela fidelidade ao ideal

- combater as tentações intimistas e ritualistas com vivências de um catolicismo militante

### Recuperar a Dinâmica de Movimento

O “tasse nas tintissimas” de tantos dirigentes precisa acabar. Importa:

- Revitalizar o **Espírito de Conselho** mais que um movimento democrático, o C.N.E. é uma fraternidade plurigeracional, na qual os conselhos têm uma missão pedagógica essencial que importa reanimar, a todos os níveis.

- Estimular a **Participação de Todos** a burocracia e a “funcionarite/assessorite”, mais ou menos hierarquizados, e o monolitismo de ideias e concepções precisam deixar de ser um obstáculo à participação.

- **Desconcentrar “poderes”** nomeadamente de representação; para as J.R a Junta Central não pode continuar a desperdiçar os recursos de todos em actividades de “corta-fitas”.

- **Rentabilizar os recursos humanos** em qualidade e em quantidade, nunca o C.N.E foi tão rico em recursos humanos. Importa rentabilizá-los, estimulando a criatividade, a participação e o diálogo. É preciso “pedir pouco a cada vez mais”.

### Gestão Escutista

- Conseguir uma maior **sobriedade nos gastos** dos Serviços Centrais e aumentar a relação custos-benefício dos investimentos.

- Dotar os serviços centrais do C.N.E de **planos de investimento** e levar a Junta Central a funcionar de acordo com o **orçamento** aprovado em Conselho Nacional.

- Criar um **Conselho de Administração** do património do C.N.E..

De acordo com os Estatutos vigentes, a Junta Central responderá pelo Conselho de Administração em quem delega competências específicas. Logo, será a Junta Central a nomear o referido Conselho que, porém, se pretende funcione autonomamente.

### AS QUESTÕES EM ABERTO

Algumas das grandes questões com que o C.N.E se debate continuam em aberto à espera de respostas que têm ser encontradas com a participação de todos:

**1. Que exigências coloca ao C.N.E e aos seus membros, o facto de sermos escutismo católico?**

Será suficiente viver na Paróquia (aproveitar das instalações) e participar em Celebrações de vez em quando?

Para que o C.N.E seja verdadeiramente católico, importa que cada animador seja um militante católico. O que tem sido fetro para que tal se torne realidade?

Na agenda da Junta Central, onde tem estado a pedagogia da Fé?

**2. Qual o modelo organizacional mais adequado ao desenvolvimento do Escutismo católico português?**

Vive-se em democracia, representativa e potencialmente participativa. Porém, continua por definir qual o modelo organizacional dos seus órgãos representativos mais adequado à prossecução dos objectivos educacionais.

Não seria importante que cada órgão eleito soubesse integrar componentes dos diferentes modelos, pertinentes ao desenvolvimento de cada escuteiro e de todo o C.N.E? Que cada Conselho, em cada circunstância, fosse informado não só sobre o que cada proposta pretende mas como pretende?

O desenvolvimento pedagógico reclama a **participação** de todos - “o importante não é aprovar propostas, mas conseguir consensualmente levá-los à prática”, o que apenas o “basismo” proporciona.

A dinâmica de Movimento e a sua organização exigem algum “centralismo”, não no processo de tomada de decisões essenciais, mas na execução.

A integração nas estruturas diocesanas e a coesão das Regiões não podem dispensar algum “federalismo”.

Logo, não seria necessário que o Movimento, através dos Conselhos e das estruturas eleitas, soubesse dosear as intervenções de todos os modelos? Deveremos continuar subjugados apenas ao centralismo dos últimos anos?

**3. Como assegurar a formação contínua de todos os dirigentes? Sobretudo, como apoiar os chefes de unidade?**

No início dos anos 80, foi arquitectado um Programa Nacional de Formação, adaptado do Bureau Mundial que começou a ser implementado. Mas, o sistema tem vindo a ser subvertido: de um serviço ao Movimento, a Formação tem corrido o risco de se tornar no berço de uma “aristocracia”; do “aprender fazendo” (através de um progresso tutorizado) regride-se para cursos modelo liceal. Em muitas situações torna-se pertinente a apreciação

Deveremos continuar subjugados apenas ao centralismo dos últimos anos?

Em meu entender, jamais as equipas lideradas pelo Vitor Faria compreenderam correctamente e investiram adequadamente na formação.

o C.N.E - a maior e uma das melhores organizações juvenis portuguesas, devido à sua J.C, corre o risco de ser identificado com “os meninos de coro de um Senhor Ministro”

“quem sabe faz, quem não sabe ensina!”.

Onde tem estado a equipa nacional de formação? Como tem sido desenvolvido um trabalho solidário com as Regiões, no apoio aos chefes de unidade? Como tem sido dinamizada a participação de todos?

Onde está o diálogo, a inovação, a busca de novas respostas? De novo e sempre: onde está a formação sobretudo para uma fidelidade cada vez maior à Lei, à Promessa e aos Princípios, tornando cada dirigente cada vez mais competente para apoiar cada um dos escuteiros a sê-lo também e a “serem felizes trabalhando para fazerem os outros felizes”.

Em meu entender, jamais as equipas lideradas pelo Vitor Faria compreenderam correctamente e investiram adequadamente na formação.

É a nível dos Agrupamentos, no quotidiano, que os animadores escutistas se formam. Como têm as J.R apoiado tal formação? Como tem a J.C supervisionado e apoiado as equipas regionais?

**4. Como animar pedagogicamente as Secções (mística, proposta educativa, sistema de progresso, modalidade organizativa e modelo de gestão)?**

A animação pedagógica tem de ser permanente, programada, concertada e, sobretudo, PARTICIPADA.

Não basta pensar nela apenas nos meses que antecedem eleições...

Não pode ser o esforço de meia dúzia de “iluminados” a quem são conferidas tarefas avulsas...

É urgente encontrar caminhos novos. É possível fazê-lo. Porém, isso exigirá que a pedagogia escutista se converta na preocupação primeira da J.C.. Certo?

**5. Qual o relacionamento desejável da Junta Central com a Hierarquia da Igreja, com o Governo e as outras autoridades? Apenas a Junta Central deverá ter personalidade jurídica? Quem e quando deve ter capacidade para representar o C.N.E?**

Se as equipas lideradas pelo Vitor não têm sabido dar respostas às outras questões, a esta têm respondido quase sempre mal!

O vazio de ideias tem sido confrangedor e as poucas que têm aparecido são bem apresentadas mas erradas. A propósito, porque não reler os editoriais das últimas Flor de Lis? Será que o Calado Lopes não teve nada que ver com o Vitor Faria e a sua (nova) equipa candidata?

No tempo das diplomacias agressivas, dos “lobbies” e dos contratos-programa, o C.N.E - a maior e uma das melhores organizações juvenis portuguesas, devido à sua J.C, corre o risco de ser identificado com “os meninos de coro de um Senhor Ministro”, alinhadinhos, ajuizadinhos, obedientes e reverentes à espera de um qualquer subsidiozinho!

Não chega de “intervenção social” e de “políticas de ambiente”? Não chega de presenças de circunstâncias e de discursos de ocasião?

## É agora

O CNE conhece-nos!

“Escutismo para o nosso tempo”

“CNE anos 90”

Identificamo-nos com:

- As orientações da estratégia adoptada pela última Conferência Mundial de Paris - 1990. (Proposta educativa para os jovens, responsáveis adultos e estruturas associativas)

- Com os objectivos preconizados pela Região Europeia:

1) UM ESCUTISMO ACTUAL!

que responda aos anseios das novas gerações

2) UM ESCUTISMO OBJECTIVO!

que se coadune com as necessidades do mundo e a área que nos rodeia.

3) UM ESCUTISMO FIEL!

que respeite os princípios fundamentais e a área para que está vocacionado (a formação dos jovens!)

Para que o Escutismo tenha cada vez mais um papel reconhecido e respeitado, é necessário que:

O CNE SEJA, CADA VEZ MAIS, RIGOROSO

### 1) No recrutamento dos adultos

Porque deles depende, em grande medida, o sucesso da formação preconizada para os jovens.

É necessário que o empenhamento dos adultos nos vários quadrantes (familiar, social, económico, político e religioso) esteja presente, para dar maior rigor e consistência à promessa dos jovens.

### 2) Na aplicação do método escutista

Porque deste depende, inevitavelmente, a qualidade do escutismo praticado.

A aprendizagem da democracia é conseguida através do Sistema de Patrulhas, que no escutismo, é o principal instrumento de formação.

A adesão livre formalizada na promessa é como que renovada, na adesão pessoal de cada escuteiro, ao projecto/empreendimento.

Para que o CNE possa concretizar, ao nível sociopolítico, o reforço da sua importância é necessário:

- Manter autonomia face aos poderes instituídos

- Exigir das autoridades (nacionais e locais) o reconhecimento de que o escutismo constitui um projecto educativo assente em valores com forte enraizamento na sociedade e não mera actividade de ocupação de tempos livres.

- Manter reuniões de trabalho periódicas com instâncias oficiais que tenham a ver com a problemática dos jovens e da acção educativa, nomeadamente com a escola e a família, das quais o escutismo se assume como complementar.

- Procurar condições para criar uma Fundação, que garanta ao CNE autonomia e independência no campo económico.

## LISTA A



- Rentabilizar ainda mais o sector financeiro do CNE.

### ÁREA PEDAGÓGICA

#### Propostas Pedagógicas

Com a aprovação das novas propostas há necessidade de promover a sua implementação, criando espaços de:

- Divulgação das mesmas pela Associação
- Produção dos Manuais
- Divulgação de material pedagógico
- Encontros com as Regiões
- Actualização das especialidades

Concluir até 31 de Agosto de 1992 o período de transição.

Realizar até ao final de 1993, Encontros Nacionais de Secção, para avaliação do trabalho realizado com as novas propostas, e para experiências pedagógicas.

Como queremos que o Sistema de Progresso seja evolutivo e adaptado às novas tecnologias vamos levar a efeito durante este triénio Jornadas Pedagógicas para análise e actualização.

#### Co-Educação

Realizar um Seminário sobre a problemática da co-educação, para avaliação e correcção.

#### Escutismo Marítimo

Apoiar e desenvolver o escutismo marítimo.

#### Escutismo com diminuidos

Criar o departamento a fim de começar a divulgar pelos Agrupamentos, formas de actuação.

#### Seminários Internos e Externos

Levar a efeito seminários internos e externos sobre a problemática da juventude.

Estimular e promover a participação de elementos do CNE nos Seminários que se realizem em Portugal ou no Estrangeiro.

#### Departamentos

Reestruturar os departamentos da Divisão de forma a estarem mais ao serviço da Associação.

### ÁREA INTERNACIONAL

Em termos INTERNOS, apontam-se como prioridades:

a) Reforçar a difusão de informação internacional - actividades, publicações, etc.

b) Promover encontros regulares com os responsáveis regionais e de núcleo pelas relações internacionais. (ver h)

c) Apoiar a criação da função de "responsáveis pelas R.I." nas regiões e núcleos.

d) Estimular os agrupamentos, núcleos e regiões a participarem em actividades internacionais.

e) Estimular o intercâmbio e a germinação de unidades do CNE com outras de associações congéneres, aproveitando, nomeadamente, os programas comunitários de mobilidade juvenil (ex. Juventude para a Europa, acordos bilaterais).

f) Criar condições, quer nos Serviços Centrais, quer noutras infraestruturas do CNE (ex. S. Jacinto, Fraião, Centro Marguerite Silva, Cernache, Palheirão), de acolhimento de delegações escutistas de outros países, de modo a tornar esses espaços verdadeiros centros de vida escutista de âmbito internacional.

g) Coordenar melhor as deslocações de escuteiros do CNE ao estrangeiro bem como as vindas e acolhimento de escuteiros de outros países, a fim de melhor rentabilizar os intercâmbios e os efeitos futuros na formação dos escuteiros.

h) Criar, com elementos das JJNN e JJRR desta áreas, uma equipa internacional que assegure um funcionamento descentralizado e operacional de diversas tarefas da D.I..

Em termos EXTERNOS, apontam-se como prioridades:

a) Participar nas Conferências estatutárias da OMME e da CICE, com delegações que incluam jovens dirigentes não pertencentes aos Serviços Centrais.

b) Participar no maior número possível de seminários da OMME e da CICE e assegurar uma eficiente circulação de informação pós-seminários.

c) Candidatar o CNE à organização de seminários ou outras actividades de âmbito europeu ou mesmo mundial, quer da OMME quer da CICE.

d) Participar nas principais actividades internacionais para jovens escuteiros (ex. Rover Moot 92, Jamboree do Brasil, Eurofolk-Austria).

e) Desenvolver os contactos bilaterais e multilaterais, em particular no sei da Região

Europeia (ex. Espanha, França, Itália, Irlanda, Bélgica, Alemanha, Polónia), mas também com associações de outras regiões escutistas (ex. Brasil, EUA, Chile).

f) Criar e implementar programas de apoio a unidades escutistas de portugueses noutros países, nomeadamente na Europa e nos EUA, e colaborar com as associações de acolhimento em acções de formação destas unidades.

g) Estabelecer com as nascentes associações escutistas ou com núcleos pró-associações escutistas nos PALOP's protocolos de colaboração com vista ao apoio do renascimento do Escutismo naqueles países, envolvendo regiões do CNE na concretização das acções de formação.

h) Criar condições e preparar uma delegação do CNE ao Jamboree Mundial-Holanda 1995.

i) Propôr a reeleição e fazer reeleger o actual membro português - do CNE - no Comité Europeu, na próxima Conferência Europeia (Maio/92-Suécia), assegurando com este uma maior colaboração com o Escutismo Português e uma maior rentabilização da sua presença naquele órgão.

### Área da formação

Com uma estrutura já descentralizada nas regiões cabe ao Departamento Nacional de Formação criar um programa e um espaço aberto a todos os Formadores do CNE.

### O nosso "Plano de Formação"

\* classificação e definição do papel do Formador do CNE;

\* implementação regular de CAF's;

\* intercâmbio com os Departamentos de Formação Regionais;

\* informatização de uma base de dados de unidades de formação;

\* afectação de um profissional ao Departamento.

Quando nos propomos clarificar e definir o papel do Formador no CNE, não é porque entendemos que os formadores não saibam qual o seu papel dentro do Movimento, um papel empenhado na formação de jovens e adultos, os quais vão por sua vez, deixar de RECEBER para passar a DAR. Eficácia; Eficiência; Coerência; Actualização; Aceitação; Avaliação; Sentido de oportunidade; são alguns dos temas que gostávamos de debater num

próximo ENFORMA, sempre com o objectivo de nos clarificarmos como uma força viva e em constante mudança, livre de dogmas ou passado não actualizado.

Com uma proposta de descentralização eficaz nas Regiões e com o nosso apoio didático e financeiro vamos fazer mais CAF's, para fortalecermos os Departamentos Regionais com uma nova geração de Formadores conscientes do seu papel no Movimento. Pretendemos se possível ainda este ano celebrar um protocolo com o instituto de Emprego e Formação Profissional no sentido de aproveitarmos os cursos já existentes para a Formação de Formadores.

Ainda é um dos melhores métodos de trabalho. Queremos formar uma Patrulha na Rua D. Luís, constituída por um membro de cada Região, será nesta Patrulha que faremos uma constatação dos problemas e vantagens existentes localmente para podermos adaptar os nossos recursos e rentabilizar os meios a nível nacional. Pretendemos realizar um Encontro: três reuniões com esta Patrulha agora proposta, por ano".

### ÁREA FINANCEIRA

1. Área financeira - perspectivas de futuro

1.1 Num futuro próximo e tendo em conta finalidades da JC os principais investimentos deverão cair nas seguintes áreas:

\* apoio à formação

\* manuais

\* representação

\* soluções/independência financeira

\* soluções administrativas

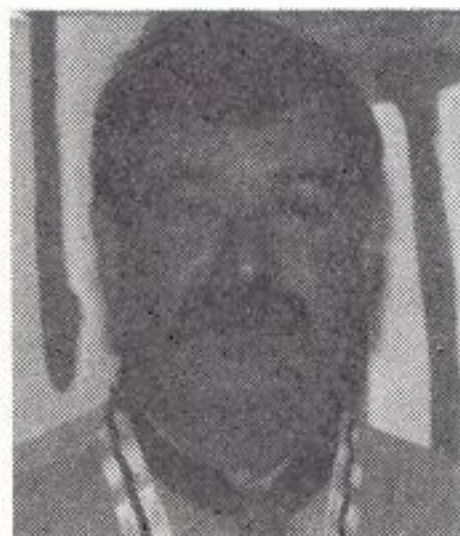
1.2 Face à pouca disponibilidae de tempo dos voluntários e à necessidade de competência técnica e de qualidade que o CNE merece dos Serviços Centrais torna-se necessário a pouco e pouco ir profissionalizando as diferentes áreas destes Serviços.

1.2.1 A profissionalização deve ter em conta linhas de rumo pré-definidas e necessidades pré-constatadas, deve avançar nas áreas mais necessitadas. Devem existir carreiras profissionais dentro do C.N.E., quer de âmbito técnico quer administrativo, atendendo a promoções e a remunerações. Deve-se contratar o homem

## Lista A

### CANDIDATOS

**Vitor Manuel  
Oliveira Faria**



Chefe Nacional

Empresário - Edições e Artes Gráficas

Director da Flor de Lis  
Membro Comissão Executiva Nacional  
Secretário Nacional Financeiro  
Secretario Nacional Pedagógico  
Vice-Presidente do Movimento Tabaco  
ou Saúde  
Actualmente: Chefe Nacional

**António João  
Tavares Costa**



Chefe Nacional  
Adjunto

Delegado Informação Médica

Chefe de Clã  
Chefe Dep. Regional IVª Secção  
Chefe Dep. Regional Informação  
Chefe Div. Pedagógica 1º Rover Ibérico  
Membro Com. Org. Congresso "CNE  
2000"  
Assessor Chefia 17º ACANAC  
Membro Dep. Nac. Publicações  
Formador Adjunto  
Actualmente: Secretário Nacional Admi-  
nistrativo

**Juan Francisco  
Garcia Ambrosio**



Secretário  
Internacional

Professor  
Ensino Superior

Chefe Grupo Sénior  
Chefe Clã  
Representante do CNE na Conferência  
Internacional do Escutismo Católico  
Responsável pela Animação da Fé no 2º  
Rover Ibérico  
Actualmente: Chefe de Agrupamento

**Manuel Tomás  
Teixeira Silva**

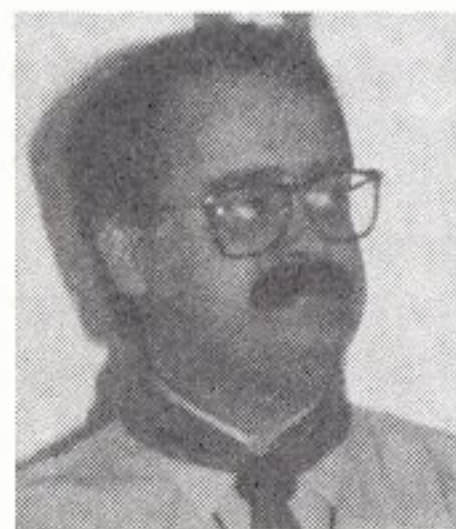


Secretário Nacional

Prof. Seguros

Secretário Agrupamento  
Chefe Agrupamento  
Chefe Clã  
Chefe Regional Adjunto  
Secretário Inter Regional  
Adjunto Secretário Nacional  
Pedagógico  
Actualmente: Secretário Nacional  
Pedagógico

**João Manuel  
Correia Teixeira**



Secretário Nacional

Técnico de  
Publicidade

Instrutor de Clã  
 Secretário Nacional Pedagógico  
 Chefe Dep. Nac. Publicações  
 Sub-Director da Flor de Lis  
 Adjunto do Chefe de Imprensa do 14º  
 ACANAC  
 Secretário Pedagógico do 15º ACANAC-  
 Chefe Adjunto do Rover no 16º ACANAC  
 Chefe Dep. Comunicação Social no 17º  
 ACANAC  
 Coordenador Programa do Congresso  
 "CNE 2000"  
 Membro da equipa de planeamento do  
 Seminário Europeu "Planeamento de  
 grandes actividades no escutismo"  
 Membro da equipa de formação do  
 CAP-Sénior Internacional-Jambville  
 Director da Flor de Lis  
 Director de Formação  
 Actualmente: Secretário Internacional



**José António  
 Santos Gouveia**

Secretário Nacional

Prof. Seguros

Chefe Grupo Sénior  
 Secretário Comissão Eleitoral Regional  
 Chefe Dep. Nac. Estatística  
 Membro da Comissão Eleitoral Nacional  
 Assessor do Chefe Nacional  
 Chefe Alcateia  
 Chefe Delegação Portuguesa ao  
 Eurofolk-Itália  
 Chefe Euroclã-Eurofolk-Itália  
 Membro do Grupo Daphy sobre  
 Educação Ambiental da Universidade  
 Nova de Lisboa  
 Presidente da Assemb. Geral da Confe-  
 deração Portuguesa das Associações de  
 Defesa do Ambiente  
 Actualmente: Chefe de Departamento  
 Nacional do Ambiente

**Luís António  
 Antunes Francisco**



Secretário Nacional

Economista

Chefe Adjunto Clã  
 Chefe Clã  
 Chefe Dep. Reg. IVª Secção  
 Secretário Inter Regional  
 Assessor Comissão Fiscalizadora  
 Nacional  
 Chefe Campo "Templário Escuta"  
 Formador Adjunto  
 Actualmente: Secretário Nacional Fi-  
 nanceiro

**Ezequiel Maria  
 Passos Marinho**



Secretário Nacional

Arquitecto

Chefe Grupo  
 Chefe Grupo Sénior  
 Chefe Agrupamento Adjunto  
 Chefe Agrupamento  
 Membro Dep. Nac. Intervenção Social  
 Membro Gabinete Sede Nacional  
 Actualmente: Adjunto Secretário Inter-  
 nacional

**VOTA A**

- continuação da pág 18 -

para o lugar certo mesmo à custa de o ter que o ir buscar ao mercado de trabalho (com certos limites, é evidente).

1.2.2 Num futuro próximo os Serviços Centrais terão de caminhar para uma solução de, pelo menos, por cada três titulares existir um profissional (a tempo inteiro ou part-time) que executa ou faz executar grande parte das tarefas incumbidas a essa Divisão pela Junta Central.

1.3 Torna-se imperioso que se caminhe para uma "independência financeira" dos Serviços Centrais quer face ao Estado quer face à Associação (quotização).

1.3.1 O Estado dá-nos subsídios razoáveis mas sem prazo (na entrega dos valores) nem montante certo... não dá para fazer grandes previsões.

1.3.2 A Associação dificilmente compreende a missão dos Serviços Centrais e as suas necessidades financeiras, dificilmente acredita que qualquer investimento lhe traga vantagens, mesmo que indirectas.

1.3.3 Assim a única via que resta para que haja alguma autonomia financeira nos Serviços Centrais será a rentabilização de serviços próprios.

- \* ao CNE/Escutismo
- \* à Juventude

de preferência negócios em que o prazo médio de recebimentos seja menor que o prazo médio de pagamentos.

Em que o investimento em "activo" seja pequeno. Em que também o "investimento em custos fixos" (pessoal, ...) seja pequeno.

## 2. Departamento de publicidade

2.1. Os Serviços Centrais e o CNE em geral têm muito espaço onde pode ser feita publicidade bem como podem emprestar a sua imagem a empresas ou associações. Podemos ainda prestar uma série de serviços atendendo, entre outras, a implantação nacional que temos.

## Vitor Faria

Candidato à reeleição para Chefe Nacional no Triénio 1992-94  
Responde ao inquérito - Mente Eleições

**Mente** - Não estás há tempo demais afastado dos jovens para poder exercer bem o cargo de Chefe Nacional?

O perfil a exigir a um candidato a Chefe Nacional, em minha opinião, não inclui o contacto com os jovens, nem o saber fazer muito bem "nós e amarrações", ou falar muito bem aos caminheiros.

Certamente que haverá excepções, mas um dirigente que tenha passado recente de trabalho directo com os jovens não está preparado para assumir a presidência da direcção do CNE. Antes é necessário rodar nos Serviços Centrais ou numa Junta Regional, conhecer a generalidade dos problemas que se põem à vida associativa, no seu todo, estar actualizado e correctamente informado da nossa realidade. Ter dado provas de bom senso, competência e trabalho em duas ou três áreas, sem ter abandonado tarefas a meio, demitindo-se, ser aglutinador de boas vontades e conseguir reunir equipa capaz de conseguir atingir os objectivos a que se propõem. Ser corajoso, física e intelectualmente, não se demitir da sua missão, ter consciência que encontrará dificuldades na jornada, e sobretudo acreditar no escutismo como missão e AMAR o CNE, isso sim, são qualidades que, entre outras, eu exigiria a um candidato a Chefe Nacional.

Na verdade já lá vão bastante anos que deixei a chefia do grupo 15 da Amadora, que passei pela equipa responsável da II secção da região de Lisboa, e deixei a saudosa Patrulha de Estudo Lobo. Realmente estou afastado do contacto directo com os jovens, mas tento manter-me actualizado com o Mundo que me rodeia.

**Mente** - Que vantagens tiras do cargo?

As mesmas vantagens que a generalidade dos dirigentes do CNE, a grande alegria de poder contribuir para que o mundo fique melhor do que o encontrámos, de termos a oportunidade de ajudarmos os jovens na sua caminhada para a vida adulta, num movimento essencialmente voluntário em que sou dirigente benévolo, pagando a respectiva quota!

O facto de ser Presidente da mais numerosa e mais implantada associação de jovens portuguesa, tornou-me figura mais conhecida do que seria natural, tendo de representar o CNE em diversas cerimónias, que não são acessíveis ao cidadão comum, o que muito me honra.

**Mente** - Que preparação para os cargos têm os elementos da lista que encabeças?

Todos os dirigentes que constituem a equipa candidata à Junta Central, cumprem o perfil que entendemos adequado para o lugar. São dirigentes preparados, que já deram provas de que podemos contar com eles.

Faziam parte do elenco anterior, como titulares, adjuntos ou membros dos departamentos nacionais. Quando sublinhamos o aspecto de termos refrescado a equipa, referimo-nos a dois deles que recém chegados dos Agrupamentos que chefiavam, não deixarão de enriquecer e actualizar a nossa experiência.

A média de idades desta equipa já se pode dizer que é aceitável, contudo, queremos preparar os nossos quadros futuros, pelo que temos vindo a fazer cuidadoso recrutamento, entre os mais jovens, para as diversas áreas de trabalho dos Serviços Centrais, exemplo que, aliás, gostaríamos de ver seguido nas estruturas intermédias do CNE.

**Mente** - Que razão encontras para a inexistência de uma lista concorrente?

Cada vez é mais difícil encontrar dirigentes que tenham disponibilidade de tempo, sejam competentes, com bom senso e disponíveis para "sacrificar" alguma coisa: a comodidade do lar, a vida social, a carreira profissional, etc..

Sabemos que o CNE tem a "matéria prima" adequada, mas esses jovens bons têm de ser enquadrados em equipas de trabalho com possibilidade de rodarem, criarem experiência e, sobretudo, conseguirem a confiança necessária para enfrentar os desafios.

Por outro lado, ao candidatarem-se precisam de ser acarinhados e acompanhados. Infelizmente, maus exemplos passados, a todos os níveis, afastam jovens dirigentes deste acto de coragem, que é o exercício da democracia interna do CNE.

Aos mais "velhos" compete o dever, também histórico, de encontrar uma nova geração de dirigentes, criando-lhes o "espaço" adequado, não lhes regateando apoio a estímulo para irem além.

**Mente** - Há jogadas políticas do C.N.E? As listas (a nível regional ou nacional) têm inspiração partirária?

Não! Não é verdade!

Nunca perguntei aos escuteiros que comigo têm trabalhado qual a sua preferência partidária. Posso até afirmar que nos Serviços Centrais, colaboraram dirigentes e caminheiros de sensibilidades diversas. Certamente que o mesmo se passará nas restantes estruturas da Associação.

O que sabemos e se calhar a vossa pergunta é motivada por esse facto é que no CNE também acontece a "conspiração palaciana" (incrível num movimento de escuteiros) o digo eu o dizes tu - o que aliás se tem vindo a reflectir negativamente nos Conselhos Nacionais e até Regionais - aqueles que preferem tentar boicotar eleições em vez de se assumirem como alternativa (a tal coragem física e intelectual, porque é inevitável dar a cara), mas este já não é o tempo para as

miudezas, para a pequenez, para as tricas, para as questões mesquinhas! Este é o tempo - e foi esse o motivo que nos levou a recandidatar-nos, de concluirmos um ciclo na história longa e maravilhosa do nosso CNE, conduzindo-o, como apoio de todos os dirigentes, nos caminhos da modernidade, da utilidade à comunidade, sem, contudo, deixar a fidelidade aos princípios escutistas e cristãos por mãos alheias.

**Mente** - Quantos permanentes (área pedagógica) vamos ter no CNE?

Face à limitada disponibilidade de tempo dos voluntários e à competência técnica e de qualidade que o CNE merece dos Serviços Centrais, sentimos há muito necessidade de ir profissionalizando as diferentes áreas.

Em futuro próximo teremos de caminhar para uma solução de, pelo menos, por detrás de cada titular existir um profissional (a tempo inteiro ou em part-time) que execute ou faça executar as diversas tarefas.

No caso concreto da área pedagógica, prioritária no nosso programa tal como a área da formação, agora também com um titular, neste novo elenco, iremos concentrar as nossas "disponibilidades" financeiras recrutando dois colaboradores profissionalizados a tempo inteiro.

**Mente** - Descreve a tua farda ideal

Foi nomeada pelo Conselho Nacional uma Equipa de Trabalho, constituída por elementos de várias regiões, que têm de apresentar propostas concretas na próxima reunião ordinária daquele órgão, razão pela qual não respondo à pergunta.

Contudo, posso adiantar que pessoalmente entendo que aquelas propostas deveriam contemplar a vontade da generalidade dos associados- "ask the boy"-, e que não se limitasse, a mais uma vez a ser uma decisão restrita de pessoas que, tal como eu, só vestem uniforme para cerimónia, reuniões, encontros na sede, etc..

**Mente** - O "Mente" existe?

É claro que o "Mente" existe, está vivo, consegue ser lido por aqueles que gostam e pelos outros. É o único órgão na Associação em que se está à vontade para se falar abertamente.

O "Mente", não fazendo pesquisa, o que pessoalmente lamento, está aberto à publicação de "tendências" diferentes da redacção.

Sou dos que tem longa experiência na leitura de publicações, sei que não é nada fácil, é uma luta permanente contra o calendário, os dias correm, os textos não chegam... e o dinheiro também não, o que vale, como tudo na vida, é o Homem, sempre renovável!

Boa Caça!

# NÃO !

## LISTA F

Tivemos pouco tempo para pensar, pela positiva, nas razões sublimes que nos deveriam levar a candidatar-mo-nos. E sabe-se quanto isso é prejudicial a uma lista.

Como é óbvio, toda a gente quer candidatar-se para se candidatar, que é uma forma de dizer: para se habilitar ao poleiro; mas ele é sempre necessário disfarçar a coisa, passar-lhe por cima o mel dos bons princípios, do sacrifício, do espírito de Serviço... Como não temos tempo, ainda nos resta a honestidade nua de nos candidatar-mos, como os outros, ao tacho, sem arranjos florais que o disfarcem.

Mas não, que diacho!, NÃO!

Temos razões...

É este o nosso lema: NÃO!

O C.N.E. está demasiado "pezinhos de lã", demasiado "bons meninos", demasiado "tudo de acordo", demasiado "chefes competentes", demasiado "formação adequada", demasiado "movimento virado ao futuro", demasiado "no bom caminho", demasiado "com Sede própria", demasiado "activo", demasiado "bem com o Estado", demasiado "pio"...

...tão demasiado tudo que só nos resta desconfiar e parafrasear: "...só sei que eu NÃO vou por aí". E, aqui do nosso cantinho, despudoradamente, apresentarmos a votos.

Damo-vos uma certeza: NÃO é uma candidatura responsável (entendam como quiserem...pelo menos nunca estive no tacho - e bem queria!)

Ou, como diziam os outros: AGORA NÓS !

Mas... **SERÁ AGORA ?**

# SERÁ AGORA?

**ESTAMOSCIENTES DAS DIFICULDADES, MAS DE PEITO FEITO AO DESAFIO...**

**O C.N.E. NÃO NOS MERECE, MAS NÓS MERECEMOS UM C.N.E. MELHOR...**

## ...NO CAMPO PEDAGÓGICO

-Vamos lá voltar a ter formação, em quantidade e qualidade

-Vamos lá optar pelo tipo de dirigente mais próprio (o autocrata e o democrata, o militarista e o dialogante, o bem-formado e o "para-quedista" ...não podem continuar a ter todos lugar. Alguém aqui anda a mais...)

-Vamos lá a trazer os padres e a religião católica a esta coisa, como elementos obrigatórios e desejados

-Vamos lá começar a colocarmo-nos perante os miúdos como adultos amigos e interessados neles e não como dirigentes de colectividade recreativa a quem apenas interessa a imagem do grupo e a actividade agendada

-Vamos lá, enfim, a ser escuteiros e a saber quem e como o é...

## ...NO CAMPO ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

-O Escutismo pode vender-se - por bom dinheiro, até - mas com jeitinho e olhando a quem ( movimento ecológico e publicidade a celulosas?...)

-Na era da desburocratização, menos papelada, menos gabinetes, menos formalismos...

## ...NO CAMPO DAS RELAÇÕES EXTERNAS

-Vamos lá a nomear membros para todos os órgãos nacionais e locais onde possamos ter assento

-Vamos lá a exigir a esses membros que tomem posições Escutistas e Católicas

-Vamos lá a fornecer-lhes as bases para essas posições, estabelecendo as nossas próprias, enquanto associação, sobre o ensino, a PGA, serviço militar, combate à toxicodependência, a política social, ...

- E vamos lá a dar o salto para uma verdadeira cooperação internacional com outros escuteiros, que reverta a favor do CNE, em experiências e conhecimentos.

... e por aqui nos ficamos, neste exercício de fazer um programa que, como todos (ou quase) vos leve a dizer: "onde é que eu já vi isto?"

**MAS CONNOSCO HÁ UMA DIFERENÇA: CUMPRI-LO-EMOS SE FORMOS ELEITOS!**

# SERÁ AGORA?

## VOTA

## LISTA F



## LISTA F

### CANDIDATOS



**João Marmanjo**

Chefe Nacional

Candidato ao  
Fundo de Desemprego

Fundador do Movimento para a Co-edu-  
cação no C.N.E.

Director (sob ameaça) do MENTE  
Secretário Nacional? Nunca!

Candidato à Comissão Coordenadora  
do Assédio

Presidente do Movimento Contra as  
Saias Compridas

Actualmente: Candidato a Chefe  
Nacional



**Zé Costureiro**

Ch. Nacional Adj.

Desempregado

Não é responsável por Congressos fal-  
hados

Não foi assessor de Chefia (seja lá o  
que isso for)

Deformador Adjunto

Não foi Chefe de Departamento Re-  
gional (por 33 votos)

Vice-Presidente do Movimento Contra  
as Saias Compridas

Actualmente: Dinamizador de um grupo  
de jovens cantoneiros

**Malau Cuías**

Secretário  
Internacional

Playboy

Antigo Sénior

Antigo Caminheiro

Simpatizante da Indonésia

Irresponsável pela Animação de nu-  
merosas actividades

Exilado pelo MENTE durante um ano

Não usa saias compridas

Actualmente: Representante do C.N.E.  
junto das Escuteiras e Guias italianas



**Ti Paio**

Sec. Nacional  
Pedagógico

Agente Duplo

Nunca nos enganou

Chefe de qualquer coisa que lhe of-  
ereçam

É tão burro que só aceita cargos para  
trabalhar

Concorre pelas duas listas!

Detesta Secretários Regionais Ped-  
agógicos

Só se aproveita o UMM

Actualmente: Comissão de Serviço na  
Junta Central



**Cristina Telas**

Sec. Nacional  
Financeira

Desorientadora  
Vocacional

Caminheira no 17º ACANAC  
Participou na Manifestação das  
Bolachas  
"Sex-symbol" dos Lobitos  
Única psicóloga que eu conheço a  
chumbar num C.A.P.  
Assessora de Formador -Adjunto no  
C.A.P. em que chumbou  
Actualmente: Não a vejo há 3 semanas

### Isabel Torneira



Sec. Nacional  
Administrativa

Massagista  
(MENTE F.C.)

Responsável por o teu MENTE ir para  
casa do vizinho  
Fonte inesgotável de contas para pagar  
Instrutora de Canoagem (levar colete)  
Militante do Agrupamento mais bera do  
país  
Actualmente: Nem ela sabe...

### Carlos Zousa Prantos



Sec. Nacional  
do Ambiente

Assalariado das Celuloses

Não foi Instrutor  
Não fez parte de nenhum Departamento  
Nunca foi Adjunto de ninguém: ou titular  
ou nada  
Nunca planeou actividades de plane-  
amento  
Só organizou actividades que foram  
para cima de um sucesso

Actualmente: Está em reflexão algures  
num eucaliptal

E AINDA :

Director da Lis

**Zé Foto-asvezes**

Tropa

Actualmente: em vias de sair do  
C.N.E.

Dep. Nac. de Protecção à Juventude  
Desvalida

**João Cravo**

Licenciado para Matar

Actualmente: em vias de voltar ao  
C.N.E.

Dep. Nac. de Audiovisuais

**Chila**

Mãe

Actualmente: atura o marido e já não  
é pouco

Div. Nac. de Tapa-buracos

**Ah Cardoso!**

Vive à custa dos pais, que veem nele  
um grande futuro

Actualmente: Espião (de quem?isso  
queriam vocês saber!)

Dep. Nac. de Animação da Fé

**Tó Cai Listo**

Padreco

Actualmente:Participa num programa  
C.N.E./LNETI sobre gestão de Agru-  
pamentos por controle-remoto

## VOTA F

# sondagem do MENTE

Ah Cardoso!

Após laboriosos e demorados trabalhos de campo, eis aqui a Sondagem Mãe de Todas as Sondagens...

Uma vez decidido o apoio do MENTE ao lançamento de uma Lista Fantasma, impunha-se uma sondagem que avaliasse não só a receptividade aos candidatos como as hipóteses de vitória de ambas as Listas.

**1. Gostou dos artigos do Manuel de Oliveira, aliás Vitor Faria, publicados no MENTE no ano passado?**

Não li	10%
Não assino o MENTE	3%
Ai eram dele?	79%
Gostei pois	8%

**2. O que pensa dos artigos do Zé Costureiro a responder ao Vítor Manuel de O. Faria?**

Não li	5%
Bons	17%
Óptimos	29%
Bestiais	45%
Não sabe/não responde	4%

**3. Qual o grau de simpatia que lhe inspira esta figura:**

a) Vítor Faria	
antipático	3%
assim-assim	7%
simpático	40%
bonacheirão	50%
b) João Marmanjo	
antipático	0%
assim-assim	10%
simpático	31%
uma moca	69%

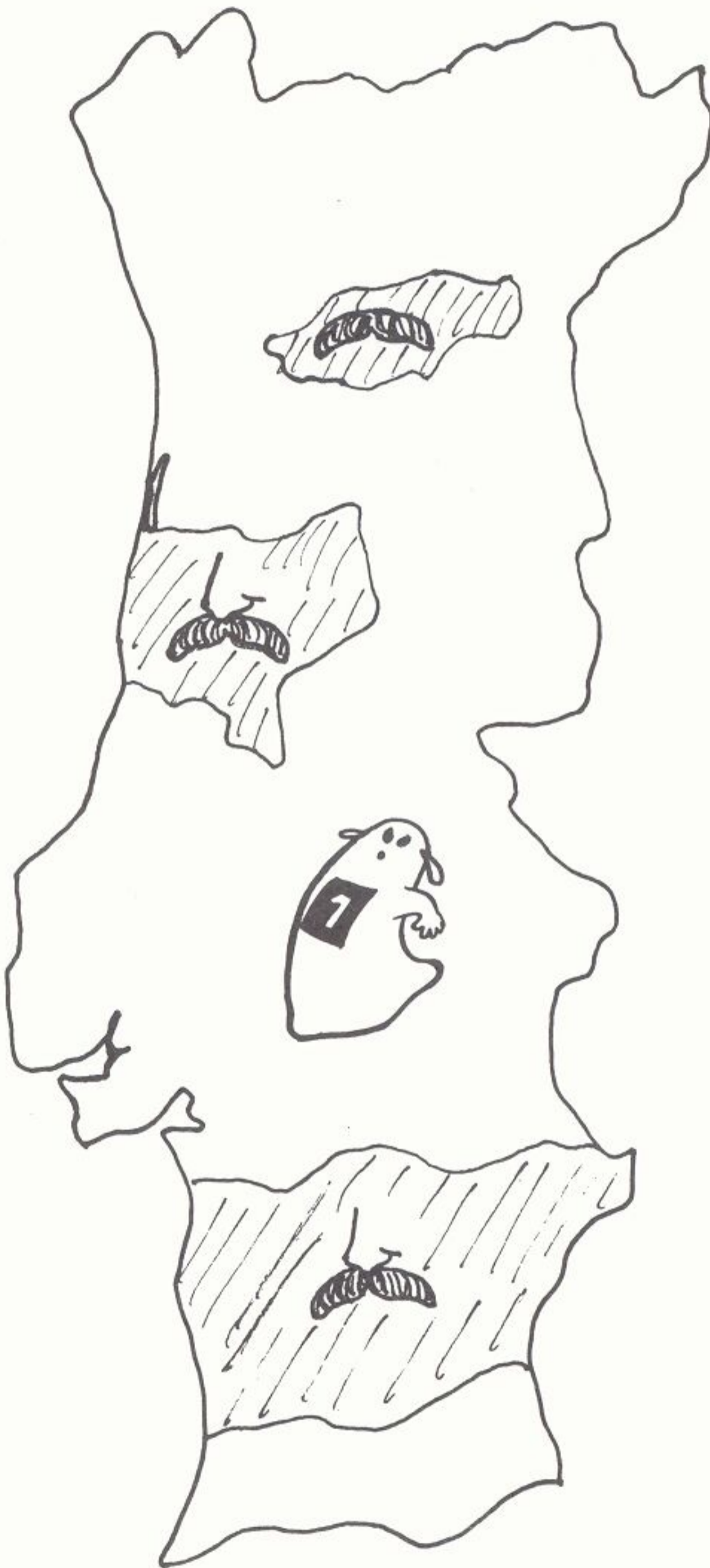
**4. Acha que esta personagem é competente para o cargo de Chefe Nacional?**

a) Vítor faria	
Não	12%
Talvez	25%
Sim	20%
Só saberei depois de ele fazer algo	43%
Não podemos dizer o que ele disse	0.2%
b) João Marmanjo	
Não	12%
Talvez	17%
Sim	61%
Ver para crer	10%

**5. Quem teve as ideias mais interessantes dos programas de ambas as listas?**

O MENTE	51%
A equipa organizadora do IV <sup>o</sup> Encontro Nac. Cam.	17%
O Movimento de Encontro Novas Tendências Escutistas	13%
A equipa organizadora do Rover do 18 <sup>o</sup> Acanac	19%
O Baden-Powell	Quem?

# O País Fantasma



Esta sondagem foi elaborada de acordo com as mais modernas técnicas, sob supervisão de especialistas da Assistência Nacional, - tendo por base um universo de 5442 dirigentes recenseados, dos quais foram inquiridos 5400 (houve uma Junta Regional que estava reunida no Palheiro, onde como se sabe não há telefone). Destes, 3735 não sabiam que havia eleições, 213 estavam a jantar, 721 iam perguntar à mulher e um disse que era padre e não se metia nisso.

Das 730 respostas obtiveram-se os seguintes resultados:

Lista fantasma	64,6%
PSNN	35,1%
Branco/Nulos	0,3%

Com uma abstenção de perto de 70%.

Analisando a intenção de voto por regiões, a vitória da Lista fantasma torna-se esmagadora, embora com algumas variações regionais.

Assim, na região de Lisboa (incluindo o Far'Oeste) arrecada a quase totalidade dos votos, enquanto que na região de Coimbra perde para o PSNN por escassos 33 votos. Só Beja(!) e Lamego (influência dos escuteiros da Europa?) resistem à avalanche fantasma.

Quanto ao apoio institucional, tanto o governo como a oposição elogiaram já a actuação da CNE durante o processo eleitoral.

Sondámos também as Juntas Regionais, tendo obtido um resultado de 12 Juntas a favor de PSNN e 15 a favor do Fantasma, o que não deixa de ser curioso já que é sabido que só há 20 regiões no CNE, umas das quais sem Junta há já algum tempo...

**E**ste meu regresso periódico à lei do escuta representa um certo exercício de masoquismo: é que também eu me comprometi a cumpri-la e a fazer cumpri-la, e, pior, renovei esse compromisso várias vezes. Nunca tinha, digo-o em boa verdade, pensando bem no tamanho da promessa feita e, mais ainda, na qualidade da prometida. Olhem que é obra!

O que me foi valendo, ao longo dos tempos, foi aquela qualidade humana que Erasmo tanto preza n' *O Elogio da Loucura*, e que é a do esquecimento repetido, que leva à falta sem mágoa e à repetição das asneiras (das "loucuras") sem a recordação inibidora de compromissos e experiências passadas. Não fora isso e já a redigir este artigo com o cabedal ainda dorido do acampamento de onde acabo de chegar.

É que cada vez que me lembro de que também eu "jurei" a nossa lei, tenho um arrepio. Só me consola aquela vozinha a sussurrar atrás da orelha "olha lá, que a coisa era bem pior não fosse a gente só se lelbrar dos artiguinhos nas cerimónias e, de vez em quando, para pestificar a vida do parceiro". Pois, é; é o que safa...

E tudo isto a propósito do quinto:

**"O escuta é delicado e respeitador"**

Foi este artiguinho que me despertou a consciência para as considerações que venho fazendo. É que é dos tais em que já deslizo muitas vezes e não sei se não quero deslizar mais algumas. Vejamos:

Porque é que o quinto é, efectivamente, um espinho cravado no nosso descanso?, porque é que o quinto nos põe, pela primeira vez a nossa grande máxima inicial, que era a de devolvermos a legalidade ao C.N.E instruindo-o sobre a forma de bem cumprir a Lei do Escuta e alertando-o para certos e notórios desmandos que vêm acontecendo em redor dela, é posto em causa por este preceito?

É que o quinto, por evidente desfazamento entre o momento em que foi escrito e a sociedade de hoje, é um óbvio anacronismo. Ser delicado e respeitador, nos tempos do velho

B.O., era uma máxima social sem discussão, a que apenas os carroceiros e outros sujeitos de educação disforme se furtavam; donde ainda hoje a expressão "falas como um carroceiro" (coisa porque não pomos as mãos no fogo, dado não conhecermos carroceiros a não ser das séries da TV e podermos aceitar que se calhar se portavam tão cordatamente como qualquer e se exprimiam mais educadamente que muitos letrados; mas fique a expressão popular...). Ora, se no tempo de B.P o carroceiro era o protótipo do indelicado e desrespeitador, o que é que se exigia ao escuta: que não se portasse como se fora um condutor de carroças. Como os ditos não tinham sindicato a coisa por aí, não houve protesto, ninguém bradou aqui d'el rei que anda um velhote de calções e jarreteiras a achincalhar a classe e coisa e tal...

Vamos chegando onde queríamos: B.P pretendia apenas que o escuteiro não fosse identificado com esses sujeitos de fala e corpo sujo, mais dados à conveniência com mueres que com mulheres. O escuta seria pois capaz de morder a língua antes de a deixar transviar-se, de inclinar levemente a coluna à passagem de uma dama ou de um ancião, de aturar a qualquer duas horas de paleio sobre as virtudes da monarquia ou a política colonial, sem o mandar ao outro lado; teria ainda a frase certa e correcta e a atenção sempre desperta às pequenas necessidades e caprichos do alheio. Belo moço seria se assim fosse...

O que mais lixa é pensar que à gente, hoje, sobrou em herança tal exigência e que há quem a pretenda ver cumprida nos exactos termos em que o era nos tempos do velhote. Vaidáí, umpaz de alma que até gosta desta coisa da actividade de ar livre e dos pequenos grupos e das insígnias de progresso e nem se incomoda de afrontar as bocas dos que o vêem aperaltado de terylene azul e colarinho alado, ainda tem que ser "delicado e respeitador" assim, sem nenhum critério discriminador que lhe permita reservar-se o direito de só o ser com quem o mereça. A gravidade da situação resume-se, tão simplesmente, ao seguinte: na sociedade actual já não há respeito por ninguém, muito menos pelo pobre do escuteiro; de igual maneira, já ninguém é delicado para com a rapaziada, muito pelo contrário... se já sabemos, efectivamente, que ninguém nos respeita nem para connosco é delicado, devemos perguntar-nos porquê. E então, porquê? - Porque não fazemos ondas, somos



bons meninos, delicados e respeitadores como nenhuns outros, porreirinhos da silva, vamos sendo dos poucos que ainda cedem o lugar sentado nos transportes públicos e ajudamos as velhinhas reumáticas a atravessar as ruas... e ouçam lá, acham que alguém nos olha séria e respeitosa por causa disto? - o tanas!... já vínhamos a encher o saco com as bocas ordinárias repetidamente atiradas ao ar pela escumalha: "olha que pipi, de lençinho ao pescoço..., olha que bem, a ir à missinha..., olha que besta, a acampar com este tempo..., " etc....; enfim, escumalha é escumalha... linguagem de carroceiro e coisa e tal, aturava-se... com certas ganas mas aturava-se...

Mas a coisa piorou, e de que maneira, com os últimos desenlaces. Agora já não são só os "carroceiros" a amarfancar a nossa imagem. A coisa está a chegar a outras, mais altas e mais influentes esferas. Agora levamos castanha de políticos e, pior, da comunicação social. Já vos tínhamos contado aquela do Presidente da Câmara de Lisboa dizer que não queria um governo de escuteiros\*, o que demonstra a consideração, e o respeito que certos altos estratos têm por nós. Agora veio pior. Vieram uns amigos, com uma revista na mão e um ar de gozo, mostrar-nos uns dizeres que vinham na dita e que, simplesmente, rezavam:

**"Homem adulto que é escuteiro, procura-lhe o cu que é paneleiro"\***

Costumamos ter resposta para tudo, mas esta deixou-nos descalços. Apeteceu-nos, primeiro, escrever à Junta Central para que tomasse as providências necessárias à efectiva despistagem de casos que pudessem dar verosimilhança àquela proposição, e procedesse à sua conseqüente erradicação do movimento, mas, e depois?, já não chega aturar os políticos importantes e jornalistas e carroceiros, ainda nos vamos ter que haver com o movimento gay?, ainda vamos ter que enfrentar manif's com palavras de ordem do tipo "escuteiro homossexual, não aceites a discriminação"; ou "escuteiro perseguido, os maricas estão contigo" ou ..., o que, para além dos outros problemas, forçaria certamente as estruturas do C.N.E a tomar posições. Aqui na região por exemplo, a chantagem não teria hipóteses e a única medida seria, certamente, acrescentar àquele artiguinho omnipresente nos regulamentos de acampamento e que diz que, havendo rapazes e raparigas, há tendas separadas para rapazes e raparigas, uma adenda dizendo que havendo adultos (dirigentes), há tendas para homens, para mulheres e para os restantes...

Ora, mas ouçam-me lá com atenção: se calhar os gajos até têm ancoradouro onde fundear o barco da sua malediência. E somos nós, tolos ingénuos, quem lho fornecemos. Parafraseando alguém que não sei se alguém conhece, o que parece, muitas vezes, é, e nós, com delicadezas e respeitinhos, com salamaleques e deferências, com o cumprimento, enfim, do quinto, parecemos o quê? - deixemos que os olhos dos outros no-lo digam... e vai daí, olhem lá, deixemo-nos igualmente de tretas: o político e o articulista aí estão a pôr-nos no nosso lugar, são o nosso feed-back. Ouçamo-los mesmo se não concordamos. É a imagem do C.N.E que está em causa!

Vamos pois cuspir para o chão, correr para ocupar o banco antes do velhinho trémulo que para lá se dirige, falar alto e com a profusão possível de asneiras, enfim, vamos ser carroceiros... e o quinto que se apague, a lei fica reduzida a nove que muito trabalho dão só por si... em favor da nossa imagem de competência e masculinidade, para que voltemos a ser ministeriáveis e deixemos de ser alvo de escárnio... rasgue-se o quinto,  
**PUM!**

\* aquando da campanha para as últimas eleições, lembra-se?

\*\* in Revista Kapa

# mente

A. CARDOSO

... vimos na T.V. a ida a Angola do Cardeal-Patriarca de Lisboa, representando o Santo Padre. Adivinhem do que é que mais gostámos. Pois claro! Todos aqueles escuteirinhos alinhados à sua chegada, pois tão arranjadinhos, pois tão estreantes, pois tão angolanos. Afinal a ditadura acabou mesmo! Pois quando é que os vemos por cá num Acanac? A nossa Sede está à disposição.

... indagamos o porquê de termos deixado de ver aqueles chatos dos seminaristas do Seminário Maior de Coimbra quando andamos a passear calmamente na Baixa. Terão um novo horário? Depois venham-me cá com crises de vocações...

... esperamos que se decida quem será o Assistente do 18º ACANAC. Neste momento dois nomes se perfilam no horizonte: ou D. João Alves, ou o bispo de Coimbra. Nós por cá preferíamos o bispo da Lusa Atenas, mas enfim, à falta de melhor... seja quem for o escolhido, dum coisa o coitado não se livra: uma actividadezinha especial preparada pelo campo Rover.

Marotos!

... fomos às III<sup>as</sup> Jornadas Pedagógicas Nacionais. Surpresa! As decisões do

Encontro Nacional de Caminheiros foram aprovadas sem um senão. Novas insígnias para todos - "em Novembro", promete o S.N. Pedagógico; "de 1992", acrescenta o D.M.F.. Novos cartões de progresso, novos manuais, só lá para Dezembro. Novos Livros de Classe, sabe Deus quando. Mas a coisa vai.

... esperamos pelo terramoto no CNE. Já é definitivo: Comissões de Serviço, só para maiores de 22 anos e com a Etapa de Ouro. Isto é que vai ser ver aqueles chefes que não fazem nada, graças a terem 2, 3 e 4 "ajudantes", a lançarem mãos à cabeça! Acabou-se, ratos! Ou se é Chefe ou se abandona o barco.

## DESESPERADAMENTE...

... vivemos a odisseia do último Mente. Querem saber porque é que se atrasou, querem? O "3" atrasou-se por causa do E. Nacional de Caminheiros, logo o "4" começou atrasado. A redacção foi toda de férias ao mesmo tempo, deixando metade da revista nas mãos do fotógrafo. O fotógrafo foi para a tropa. O director foi para o desemprego. O pessoal de Coimbra ficou reduzido a dois, 50% destes estão a acabar o curso. O tipo que faz os textos no computador arranjou outro emprego, logo após mudar de casa sem dizer onde era a nova. O computador que faz a arte final "craxou" na última página. Quando se fez a montagem reparou-se que um dos textos era do "3". Depois da correcção verificou-se que outro texto era do "3". Na gráfica avariou-se uma máquina e depois entraram em greve. Palavra de escuteiro!

Querem mais?

# mezade

JORGE LIMA

## Mais por menos dá mais

Estudos recentes parecem demonstrar aquilo de que já se suspeitava. Cristo abraçou o ofício de carpinteiro após falhar redondamente no curso de matemática, o primeiro que tentou. Aparentemente, os seus mestres decidiram-se definitivamente pela incapacidade quando lhes pretendem demonstrar que “mais por menos dá mais”.

E exemplificou: dás-lhe uma lambada. Menos. Você encara a coisa positivamente. Mais. Resultado? Mais! disse Cristo. Mais? Perguntaram os Doutores da Lei. Como?

Ou então a capa. Roubam-lha, você ainda oferece a túnica. Mais por menos dá mais? Mais frio?

O Supremo Arquitecto deu à matemática o privilégio de reger o

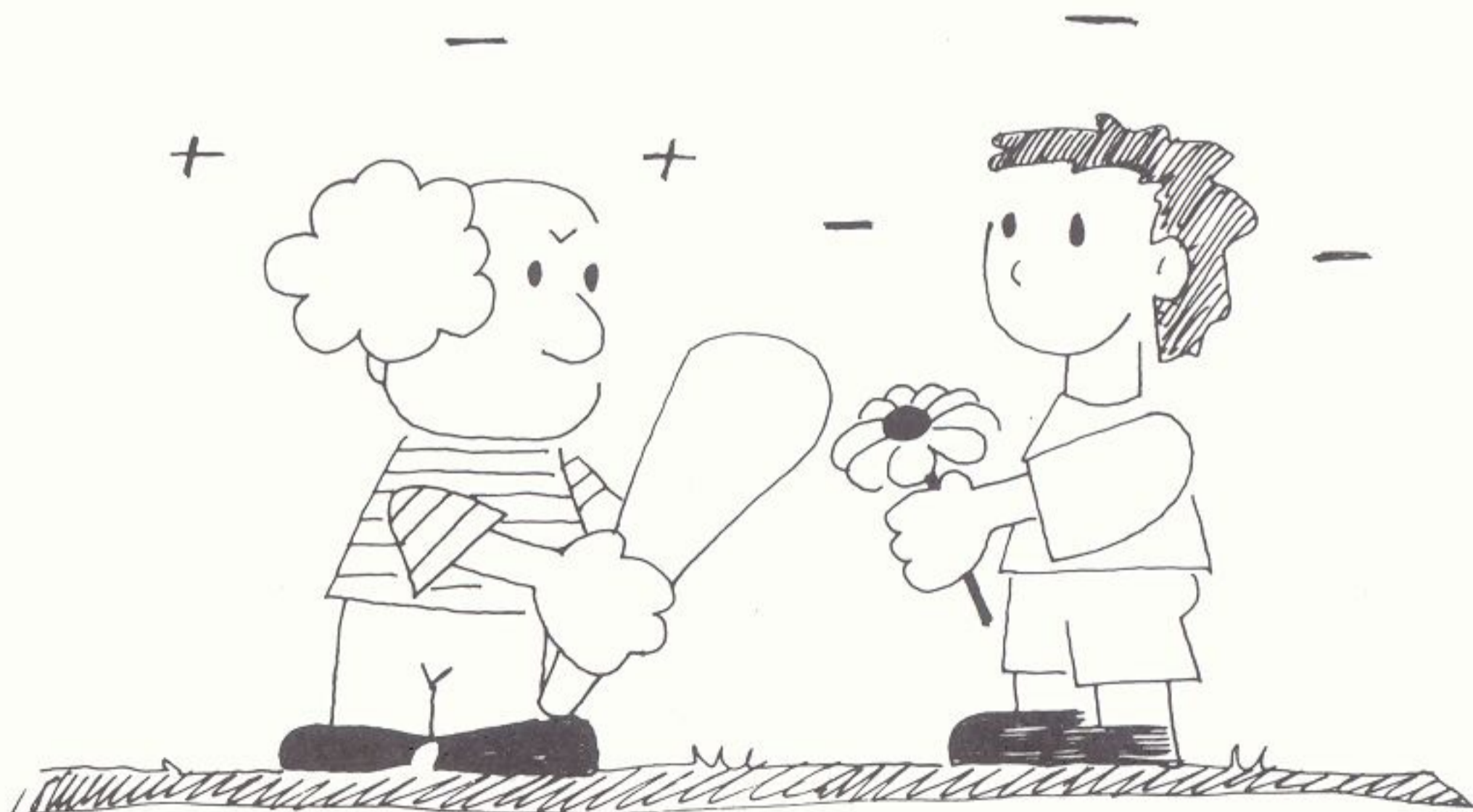
Universo, mas com uma excepção. A excepção humana. Aqui, é rei o Amor, que nem sempre coincide com as leis dos números. Com o Amor, a divisão tem ataques de nervos, como quando vê os peixes a aumentarem de número ao serem partidos. Porque o Amor cresce quando é partilhado...

E na prática? Que se responde ao débil mental que conta pela enfim vez a definição de patrulha de escuteiros? E perante o professor que me diz sorrindo “Em Setembro há a mais?”

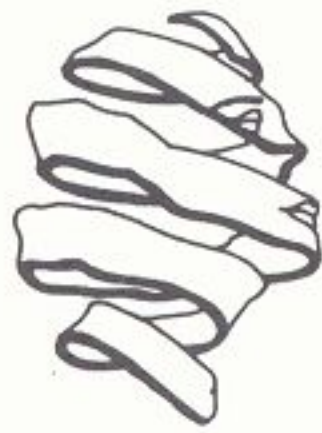
Uma hipótese é a agressão pura e simples e talvez merecida. Mas saíramos do âmbito deste artigo. Então temos de ter presente que fazer o mal a quem nos faz mal só multiplica o mal. Isto é, menos por menos dá menos. A tempestade é a colheita do semear de ventos. Em contrapartida, se vir no outro a face de Deus, de quem todos somos filhos, ganho forças para meter o génio do mal na garrafa de onde nunca havia de ter saído.

Os resultados por vezes tardam, mas não falham. Deus não dorme, embora por vezes pareça passar pelas brasas...

Do outro lado, o destino de quem se rege unicamente pela matemática do menos por menos mais, é acabar por concluir amargamente como Sartre: “L'enfer, ce sont les autres”.







mente

**TRATAR A DIFERENÇA POR TU**

**CONSTRUTIVAMENTE...**

**IRREVERENTEMENTE...**

**PROFUNDAMENTE...**

**CRITICAMENTE...**

**INOVADORAMENTE...**

**EXCELENTEMENTE!**

**ASSINATURA DA REVISTA MENTE**

NOME

MORADA

Assinatura anual (6 números) - 600\$00. A partir do nº

MENTE - APARTADO 3089 - 3000 COIMBRA